

# DANÇARINO DE BRUNEI

**Manuel Gusmão\***

O poema é construído por 7 frases escandidas por 27 versos, um múltiplo de 3.

A primeira frase prolonga-se por 9 versos, de novo múltiplo de 3, e é a descrição da dança fotografada de um dançarino oriental.

A segunda prolonga-se pelas duas sílabas finais do verso 9 e pelos versos 10 e 11 e descreve a posição relativa dos pés e das pernas do dançarino.

A terceira, por 3 versos, contém uma descrição sumária do rosto, dos olhos e do cabelo e da luz que o recorta, vinda da direita.

A quarta, formada também por 3 versos, suspende o movimento descendente da descrição do corpo do dançarino e ergue, a partir do torso que da cinta se levanta, a cabeça delicada.

A quinta, por verso e meio, identifica geográfica e historicamente o bailarino.

A sexta, volta a aproximar-se dos 3 versos; tem dois versos e meio e atribui a elegância da dança a um saber da vida que representa um trabalho que atinge a perfeição humana.

A sétima frase tem 6 versos, e fecha pois, com um novo múltiplo de 3.

Da descrição da dança passa-se, subitamente, a uma outra maneira de jogar com o espaço, agora clivado entre ocidente e oriente, separando *deuses feitos homens* de *humanos deuses* e introduzindo a temática da morte.

O poema descreve um dançarino que dança e é captado pela fotografia.

Esse contraste entre a imagem quieta, própria da fotografia, e o movimento da dança, dá origem a sucessivos contrastes entre os qualificativos que descrevem a dança.

*Em fortes linhas de contorno suave / e em passos que se pousam prolongando / o gesto da nudez quase completa / (ou sim, completa, pois que um breve pano /*

[...] *nada cobre ou veste*) / de um corpo que se ondula *duro e frágil* / [...] a *força requebrada*, / a mesma *dança* nesta imagem *quieta* / é suspendida num momento. Os pés / assentam, *um, nos dedos só*, e o *outro* / *cruzado à frente* a perna torce um pouco.

A terceira frase interrompe o movimento descendente até à cinta e sobe subitamente para a cabeça.

A quarta frase volta a subir: *E ao torso que da cinta se levanta / um colar marca as linhas do pescoço / em que a cabeça se ergue delicada.*

A identificação é o produto de uma declaração: É de Bornéu e um povo primitivo / esta figura.

A partir daqui a descrição torna-se mais nitidamente interpretativa: *Uma elegância tal / são séculos de humana perfeição / que gente gera num saber da vida.*

O poema terminará com uma frase que se expande numa interrogação: *Quando será que de ocidente a morte / virá matar-nos, antes que matemos / com deuses feitos homens os humanos deuses / que já tão poucos sobrevivem límpidos / como este corpo se dançando em si*

E termina com uma nova micro-descrição do dançarino – (e as mãos *paradas segurando os ares*)? – que nos traz de regresso ao contraste entre o movimento da dança e a imobilidade da fotografia.

A fotografia imobiliza o dançarino da mesma forma que obriga o nosso olhar, entretanto contínuo contraste, a manter a inquietação que a dança provoca. E admiravelmente, Jorge de Sena, no movimento final do poema, na sétima frase, enuncia-se num nós que se distribui por duas funções sintáticas opostas: a do complemento de objecto directo pela qual o poeta se coloca do lado dos *humanos deuses*, e a do sujeito que não perde a noção da responsabilidade que o torna um deus feito homem que assassina os humanos deuses.

Quando será que de ocidente a morte virá matar-**nos** – e não perde a responsabilidade de quem mata – antes que **matemos**.

Esta mudança de campo é a diferença que separa os *deuses feitos homens* dos *humanos deuses*. Diferença que marca a arrogância dos ocidentais que, poderosos, se fingem homens para matarem aqueles deuses que se mantêm humanos, límpidos corpos que se dançam em si.

As sete frases e os 27 versos servem para construir o carácter acentuadamente rítmico do poema. Os versos são predominantemente decassílabos; as exceções são endecassílabos e dois dodecassílabos. A solenidade rítmica é acentuada pelas frequentes perturbações da ordem normalizada das frases.

“*Dançarino de Brunei*” integra o livro *Metamorfoses* (1963), onde vem publicado na ponta final. O movimento da inscrição desse dançarino opera um devir político de uma poesia que nesse livro encontramos, uma poesia que canta a historicidade da arte, no caso específico das artes plásticas, enquanto forma de construção antropológica aberta.

---

\* Poeta, ensaísta e tradutor. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde integra o Centro de Estudos Comparados, o Centro de Estudos de Teatro e o Grupo Universitário de Estudos de Literatura Francesa. Dentre os vários prêmios recebidos, em 2005 conquistou o Prémio Vergílio Ferreira, pelo conjunto da sua obra literária e em 2011 recebeu o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho. Foi ainda deputado à Assembleia da República (1975-6) e em Fevereiro de 2019 recebeu a Medalha de Mérito Cultural, do Ministério da Cultura.